

6ª TEMPORADA DE MÚSICA DA PARQUES DE SINTRA
6th PARQUES DE SINTRA MUSIC SEASON

Noites de Queluz

Nights at Queluz

TEMPESTADE E GALANTERIE
TEMPEST AND GALANTERIE

Uma Serenata para Sopros
CONCERTO CAMPESTRE

Palácio Nacional de Queluz

Sala do Trono
17 Out 2020 »» 21:30

17/10 Sala do Trono | 21:30

Uma Serenata para Sopros

CONCERTO CAMPESTRE

LIDEWEI DE STERCK || Oboé Clássico
TINDARO CAPUANO || Clarinete Clássico
EDUARDO RAIMUNDO BELTRÁN || Clarinete Clássico
DANILO ZAULI || Corno di bassetto
ANA MELO || Corno di bassetto
PAULO GUERREIRO || Trompa Natural
ARMANDO CAMOLAS MARTINS || Trompa Natural
LUÍS VIEIRA || Trompa Natural
TRACY NABAIS || Trompa Natural
EYAL STREETT || Fagote Clássico
JOSÉ RODRIGUES GOMES || Fagote Clássico
MARTA VICENTE || Contrabaixo
PEDRO CASTRO || Oboé e Direção

Josef Triebensee (1772 - 1846) / Wolfgang Amadeus Mozart

- Excertos da ópera D. Giovanni, K527 (1787)
Abertura
Introdução: *Notte e giorno faticar*
Dalla sua pace
Batti, batti, o bel Masetto
Presto presto pria ch'ei venga

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 - 1791)

- *Gran Partita* – Serenata n° 10 para sopros, em Sib Maior, K361
I. *Largo. Molto Allegro*
II. *Menuetto*
III. *Adagio. Andante*
IV. *Menuetto. Allegretto*
V. *Romance. Adagio*
VI. *Tema con variazioni. Andante*
VII. *Finale. Molto Allegro*

A SERENATA E O SEDUTOR

Alguma incerteza rodeia a datação desta obra: há quem a situe antes e quem a situe depois da ópera *O rapto do serralho* (escrita do Outono de 1781 a Julho de 1782); outros, que teria sido escrita para o concerto que o clarinetista Stadler promoveu no Burgtheater de Viena (23/3/1784), em que apresentou 4 dos 7 andamentos da obra¹; de outros vem a hipótese de um presente de casamento para Constanze (casaram a 4/8/1782, em Viena); e outros que se destinaria a impressionar, seja o imperador, seja o príncipe Liechtenstein, que constituíram em 1782 bandas de sopros². Seja como for, tenha sido iniciada ainda em 1781 ou não, a data mais verosímil será 1782. Conjecturas e incertezas à parte, a presente *Serenata* é em todo o caso a mais longa composição para ensemble alargado (incluindo sinfonias) dos seus anos de Viena. De resto, o nome *Gran Partita* é apócrifo, acrescentado por mão desconhecida ao manuscrito autógrafo em data incerta. Tudo nesta obra foi pensado em grande: 7 andamentos; um 1.º andamento em forma-sonata monotemática antecedido de uma Introdução lenta; dois minuetos de carácter bem diferenciado: o primeiro mais cortês, o segundo mais sinfónico, sendo que cada um apresenta 2 trios (secção intermédia com instrumentação mais reduzida); dois andamentos lentos: o primeiro mais lírico³ e o segundo mais meditativo, mas esse com uma secção central contrastante; um andamento na forma-variação: um tema *Andante* bissegmentado (cada um deles repetido), a que se seguem 6 variações; e um *Finale* breve na forma rondó, com evidente influxo de danças populares-campesinas. Escrita para pares de oboés, clarinetes (em Sib), basset horns (da família dos clarinetes, mas de timbre mais escuro, afinados em Fá),

¹ Tal levou outros a conjecturar que a obra teria então apenas 4 andamentos, os restantes três sendo acrescentados em data posterior

² À Imperial e Real Banda de Sopros, criada por José II em abril de 1782, destinou Mozart as *Serenatas* KV375 (remanejada) e KV388 (original). Constituíam-na músicos do Burgtheater, entre eles A. Stadler

³ Esse andamento ficou eternamente famoso pela descrição que dele faz (enquanto a música vai soando) Salieri no filme *Amadeus*, relatando o seu primeiro encontro com a música de Mozart

de trompas em Fá, de trompas em Sib e de fagotes, mais contrabaixo, nunca nos há-de deixar de impressionar nesta obra a variedade e riqueza da invenção de Mozart como orquestrador para sopros, dom que ele faria frutificar nas obras usando orquestra completa dos anos vienenses: concertos para piano, sinfonias e óperas.

Mediante o enorme sucesso alcançado em Praga com *As Bodas de Fígaro*, Mozart recebeu de Pasquale Bondini, diretor do local Teatro Nostitz, o encargo de compor uma nova ópera para ali ser estreada. Assim nasceu a segunda colaboração entre Mozart e o libretista Lorenzo da Ponte: *Don Giovanni, ossia Il dissoluto punito*.

A estreia deu-se no Nostitz, a 29 de Outubro de 1787, e foi um sucesso retumbante. E sucesso, mais, que nunca esmoreceu. Um dos reflexos dessa fama e popularidade foi a proliferação de versões híbridas da ópera; outro, que surgira por volta de 1780, era a voga dos arranjos para ensemble de sopros dos excertos mais populares de todas as óperas de êxito.

Era, esse, um mercado bem apetecível, pois, na era que antecedeu os direitos de autor, o autor dos arranjos recebia todos os proventos da editora e o compositor nada recebia! E dada a profusão de instrumentistas de sopros nos países alemães (sem contar com as bandas)... Foi o que sucedeu com as transcrições⁴ para octeto de sopros que esta noite ouvimos, da autoria de Josef Triebensee, oboísta de eleição na Viena de final do século XVIII⁵. Elas não têm datação exacta, mas crê-se que terão sido preparadas com vista à execução pelo octeto de sopros privado do príncipe Alois I de Liechtenstein, de que Triebensee era director desde 1796.

Dos 19 trechos transcritos por Triebensee, escutamos cinco: a Abertura, na ominosa tonalidade de ré menor; o 1.º número da ópera, em que

⁴Triebensee baseou-se na chamada 'versão de Viena' do 'Don Giovanni', ou seja, aquela preparada por Mozart para a estreia da sua ópera em Viena, a 7/5/1788

⁵O seu sogro era Anton Wendt, também eminente oboísta, autor do arranjo para ensemble de sopros das 'Bodas de Fígaro', por exemplo

Leporello (factótum de Don Giovanni) lamenta a sua sorte (*Notte e giorno faticar*, um *Molto allegro* em Fá M); a ária de Don Ottavio (*Dalla sua pace*, um *Andantino sostenuto* em Sol M) em que expressa o amor e os cuidados que faz por Donna Anna; a ária de Zerlina *Batti, batti,...* (dirigida a Masetto, seu namorado), um *Andante grazioso* em Fá M, com violoncelo *obbligato*; e o número inicial do *Finale* do 1.º acto: o dueto de Zerlina e Masetto (procuram esconder-se, vendo que chega Don Giovanni), um *Allegro assai* em Dó M.

BERNARDO MARIANO
Musicólogo





PEDRO CASTRO || oboé e direção artística

Pedro Castro nasceu em 1977 no Porto. Formou-se na Escola Superior de Música de Lisboa sob a orientação de Pedro Couto Soares e no Conservatório Real de Haia na Holanda sob a orientação de Sebastian Marq (flauta) e Ku Ebbinge (oboé barroco). No âmbito do mestrado em artes musicais na Universidade Nova de Lisboa realizou a tese “Serenata L’Angelica – um estudo performativo”. Concluiu o doutoramento em música na Universidade de Aveiro defendendo uma tese sobre a tradição da serenata no tempo de D. Maria I.

A sua atividade profissional inclui várias orquestras e agrupamentos de instrumentos históricos nos principais centros artísticos Europeus. Em Outubro de 2010, dirigiu a estreia moderna da Serenata L’Angelica de João de Sousa Carvalho. Em 2012, dirigiu a ópera Paride ed Elena, de Gluck, numa produção encenada por Clara Andermatt. Como solista apresentou-se com a Orquestra Capela Real, Orquestra Divino Sospiro e Orquestra Barroca da Casa da Música com concertos para oboé e orquestra de Vivaldi, Telemann, Marcello e J.S. Bach. No oboé clássico e com o Quarteto Arabesco apresentou-se com o quarteto de Mozart, ícone do repertório virtuosístico do classicismo. Colabora também com os Sete Lágrimas com o qual realizou várias gravações e tournés pela Europa.

É coordenador artístico do Concerto Campestre com quem dirigiu, gravou e editou a primeira gravação moderna da Serenata L’Angelica de João de Sousa Carvalho, distribuída mundialmente pela editora Naxos. Colabora com os mestres construtores Mario Estanislau e Vítor Estanislau na reprodução de cópias do oboé de Eichentopf depositado no Museu da Música em Lisboa. Ensina oboés históricos e música de câmara na ESMAE e na ESML.



CONCERTO CAMPESTRE

Com o nome inspirado no famoso quadro de Giordano, o Concerto Campestre é um grupo de música de câmara que se dedica à interpretação da música europeia, desde o renascimento ao classicismo, chamada “música antiga”. O grupo está sediado em Lisboa e tem a direção artística de Pedro Castro. A sua constituição é versátil, tendo sido já realizados desde programas com um trio de câmara a produções orquestrais com coro e solistas. Apresentou-se na Festa da Música no CCB, nos Encontros de Música Antiga de Loulé, no átrio do Museu Gulbenkian, na “Festa no Chiado”, nas “Festas de Lisboa” e nos Encontros de Música Antiga de Tomar, no Festival Terras sem Sombra e nos Festivais de Outono em Aveiro, Festival Internacional de Música de Badajoz e Festival Fora do Lugar.

Em colaboração com o Quarteto Arabesco, apresentou a estreia moderna da Serenata L’Angelica de João de Sousa Carvalho, com sete récitas um pouco por todo o país entre Outubro de 2009 e Junho de 2010, tendo a respectiva gravação sido lançada em 2016 pela Naxos.

PRÓXIMOS EVENTOS

OUTUBRO '20

24/11 Sala do Trono | 21:30
LAURA PONTECORVO (flauta) / RINALDO ALESSANDRINI (cravo)
Bach a dois

25/11 Sala do Trono | 19:00
CONCERTO PARA FAMÍLIAS
LÍGIA ROQUE (narrador) / ANDRÉ HENRIQUES (barítono)
CHRISTIAN LUJAN (baixo) / MARIO MANIATOPOULOS (tenor)
MARIANA CASTELLO-BRANCO (soprano)
DIVINO SOSPIRO / dir. MASSIMO MAZZEO
Dom Quixote no Casamento de Comacho

30/11 Sala da Música | 21:30
NURIA RIAL (soprano) / ANDREAS STAIER (pianoforte)
Das emoções de salão à tragédia clássica

31/11 Sala do Trono | 20:45
ROBERTA MAMELI (soprano) / MIRIAM ALBANO (meio-soprano)
FILIPPO MINECCIA (contratenor) / JUAN SANCHO (tenor)
AMERICANTIGA ENSEMBLE
DIVINO SOSPIRO / dir. MASSIMO MAZZEO
dir. musical do coro RICARDO BERNARDES
Scarlatti, agente da ópera italiana em Lisboa

NOVEMBRO '20

06/10 Sala da Música | 21:30
STEFANIA NEONATO (pianoforte)
Clementi, Bomtempo e Beethoven

07/11 Sala do Trono | 21:30
JOSÉ MARIA LO MONACO (meio-soprano)
DIVINO SOSPIRO / dir. MASSIMO MAZZEO
Esplendores sacros do Barroco italiano

13/11 Sala do Trono | 21:30
LILA HAJOSI (meio-soprano)
LE CONCERT DE L'HOTEL DIEU / dir. FRANCK-EMMANUEL COMTE (cravo)
Medeia: A lendária feiticeira pelos génios musicais de Charpentier e Handel

Podemos questionar-nos sobre qual será a função da arte na sociedade atual. De que serve alongarmo-nos na contemplação da beleza num mundo que procura, cada vez mais, o útil? A resposta vem de dentro do Homem, da necessidade orgânica de usar as suas exigências como um trampolim para a mente. O que nos conduz à História da criação musical é verdadeiramente o resultado de um grandioso volteio do pensamento humano. Olhando para as nossas raízes, para o passado, e, em simultâneo, com os olhos postos na contemporaneidade, a temporada de música de 2020, intercala produções e convidados nacionais e internacionais. O ciclo “Noites de Queluz”, que abre portas no meio de mais uma altura terrível para a sociedade humana, vem propor obras de Stradella, Mozart, Bach, Beethoven, Haydn, Clementi, Bomtempo e Scarlatti – Estas são apenas algumas das peças do caleidoscópio que se desdobra ao longo do período que a temporada vai abraçando. Os intérpretes convidados para este ciclo apresentam-se, uma vez mais, aos nossos olhos – e mais ainda aos nossos ouvidos – como um Olimpo: Andreas Staier, Núria Rial, Andrea de Carlo, Ensemble Mare Nostrum, Concerto Campestre, Divino Sospiro, Roberta Mameli, Rinaldo Alessandrini, Laura Pontecorvo, Lígia Roque, Juan Sancho, José Maria lo Monaco, Le Concert de l’Hostel Dieu, Stefania Neonato constituem um exército iluminado, formado por artistas de uma excelência absoluta, alguns dos quais encontraram, nas últimas décadas, um lugar inalienável no coração e na vida de muitos amantes da música mundial.

Ao mesmo tempo, o nosso estudo e trabalho de investigação continuam, de forma ininterrupta, na recuperação da nossa herança intelectual e na sua identificação histórica e cultural. A Serenata “La contesa delle stagioni”, única sobrevivente das 8 Serenatas para a Corte de D. João V do grande compositor Domenico Scarlatti, foi escrita há 300 anos, por ocasião do aniversário de Maria Ana de Áustria, rainha de Portugal, tendo sido apresentada pela primeira vez no “Palácio Real de Lisboa”, a 7 de setembro de 1720. Esta obra é um dos arquétipos de um género

que em Portugal teve um grande desenvolvimento e que encontrou, no Palácio Nacional de Queluz, o seu lugar de eleição e um valor inestimável. Esta edição da Temporada de Música resulta de um debate frutífero e constante de conhecimentos interdisciplinares e concentra o propósito – espero que bem-sucedido – de conjugar conceção, criatividade e inovação com a devoção à tradição de lugares físicos ou intelectuais e à sua História, através do aprimoramento dos protagonistas do contexto musical de hoje, num constante serviço de respeito à Arte que nos chegou do passado.

A cultura, global e abrangente, é O Homem. Tal como os minerais absorvidos pelas raízes duma planta são eles mesmos A Planta, a matéria que a constitui. Simili modo, a raça humana sem cultura não o é. Na ausência do conhecimento e da cultura, o raciocínio individual fica limitado a uma partilha primitiva. Consequentemente, o contacto e a partilha da cultura devem ser vistos como âncora de salvação para quem caiu na armadilha e na espiral da forma falsa e fácil de viver, que se resume ao ter sucesso, dinheiro, poder sobre os outros, querer alcançar reconhecimento. Sem cultura, o Homem apenas pode reclamar a sua memória, o seu passado e a sua experiência. Contudo, quem vive no fluxo cultural, goza do passado, da experiência da inteira Humanidade e de biliões de indivíduos que protagonizaram toda uma História que, afinal, é a sua. Graças à cultura, muitos jovens apercebem-se da grandeza moral que existe neles próprios. Nestes termos, a minha forma de passar esta mensagem reflete-se na partilha, com orgulho e alegria, da riqueza que encontro no meu percurso, na esperança de que haja mais pessoas, cada vez mais, que aceitem o mesmo desafio. Um músico tem que levar a música ao mundo, um filósofo tem que levar o pensamento às pessoas, concretizando esta missão com coragem e amor. Sim, duas palavras essenciais a partir de agora: coragem e amor.

A música é fundamental para todo o ser humano e jamais poderíamos viver sem ela: o filósofo alemão Friedrich Nietzsche chegou a escrever que a existência privada de música seria um erro. Trata-se de uma linguagem própria da alma, que chega diretamente ao coração das

peças e nos rodeia em todos os lugares e em todos os momentos. Diz-se frequentemente que a arte está ao alcance de todos, mas não é para todos. Eu discordo – acho mais correto dizer que a arte, e principalmente a música, está ao alcance de todos aqueles que desejam desafiar-se a si próprios através dela. A cultura é vida, nutrimento. O único lugar que lhe compete ocupar é o centro da nossa experiência humana, estando disponível a quem pretenda adquirir novos instrumentos de pesquisa sobre o mundo ou uma nova e acrescentada sensibilidade, uma nova percepção, novas faculdades do pensamento e, enfim, novas estratégias de sobrevivência.

Os eventos culturais têm uma importância fundamental para a nossa vida. É, possivelmente, nesta altura tão particular que percebemos a falta que fazem a todos. Acompanhando as nossas emoções, estas atividades ajudam-nos a desenvolver novos pensamentos, novos raciocínios. Ora, aprendendo a participar em raciocínios interessantes e importantes, compreendemos melhor o passado e podemos olhar de forma diferente para o futuro. A cultura não contribui só para aumentar o prestígio de uma nação – a verdadeira razão é que, a longo prazo, estas atividades contribuem para o bem-estar e a “consciência do bem-estar”. E é exatamente em virtude dessa “consciência do bem-estar” – que não tem bases só económicas, mas sim uma riqueza cultural – que se funda e sustenta a maturidade política e social de um povo.

MASSIMO MAZZEO
Direção artística

7ª TEMPORADA DE MÚSICA DA PARQUES DE SINTRA – 2021
7TH PARQUES DE SINTRA MUSIC SEASON – 2021

Bilhetes à venda brevemente | Tickets soon available



Produção | Production



Apoio | Support



Media Partner



Parceiro Streaming | Streaming Partner

CherryBloom.pt